

José Gomes Ferreira

DIAS COMUNS V
CONTINUAÇÃO DO SOL

De 1 de Junho de 1968 a 22 de Setembro de 1968

Diário



Desejaria que estes meus Diários, pertencentes como as restantes minhas obras à minha mulher e filhos, fossem publicados na íntegra.

Antes da publicação gostaria contudo que consultassem os meus amigos mais íntimos para qualquer amputação ou disfarce (a substituição pelas iniciais de alguns nomes, por exemplo).

Exijo no entanto que sejam *sempre* consultados o Carlos de Oliveira e o Alexandre Pinheiro Torres.

Lisboa, 7 de Março de 1976
José Gomes Ferreira

Imprimam sempre esta sentença no princípio de *todos* os meus *diários*:
Àqueles que ofendo, por ter sido mal informado, peço que me perdoem e continuem a sorrir para a imagem.

1 de Junho de 1968

Interrompendo a antecomemoração solene da minha morte, este último número da *Seara Nova* insere vários depoimentos sobre Bento de Jesus Caraça que faleceu há 20 anos (em 1948, quando saiu a *Poesia I*). Dentre essas provas, algumas já bem envelhecidas antes de tempo, tocou-me sobretudo a do Chico Keil por incidir nas férias que esse homem fora de série passou em Canas de Senhorim, depois que os médicos o proibiram de ir para a Serra da Estrela.

Conta o Chico:

«Outros bons amigos – o Manuel Mendes e o José Gomes Ferreira ali acorriam também – todos com planos de trabalho para aproveitar bem o tempo livre de obrigações. Mas ninguém conseguia ir além dumas primeiras tentativas. Logo a lazeira (abençoada lazeira) tomava conta de nós e gastávamos os dias em ocupações absurdas, infantis e deliciosas. Duma feita resolvemos inventar um pudim colectivo; d’outra, uns jogos de nomes e de cartas, em que a própria fantasia perdeu as estribeiras; d’outra, uma dança incrível – “o tango linear, ou no arame”. Por vezes íamos aos grilos...

– Deixem vir o Lopes Graça (o Graça chegava mais tarde), que ele mete-nos o ripanço nos eixos – dizia o José Gomes Ferreira. – O Graça é um trabalhador implacável, imune aos eflúvios entorpecentes...

Mas o maestro chegava e logo a lazeira o vencia também. Em vez de músicas compunha sopas...»

Não sei se de propósito – para tirar certos efeitos de humor (o que, aliás, consegue em cheio) – o Chico funde dois estios num só.

A verdade – se vale a pena invocar a verdade nestas trapalhadas da memória – é que o Caraça e o Graça nunca se encontraram em Canas. Por lá andaram à caça dos grilos em anos diferentes.

Eu é que fui *o comum dos dois*.

No ano-Caraça aconteceu a grande invenção do pudim em que me destaquei na destreza de partir ovos – apertando-os como quem tocava buzina. O resultado, após mil misturas e mistelas, foi um objecto arduamente comestível que, de tão bamboeante, recebeu o nome de Amzalak – o pudim Amzalak! – homenagem à massa gorda do actual presidente da Academia das Ciências. (Porquê?)

Durante as férias com o Lopes Graça sucederam ainda coisas mais extraordinárias. Instalámo-nos no velho palácio de Canas de Senhorim como numa ilha deserta e tratámos de nos alimentar da nossa imaginação de pelicanos.

Mascaradas constantes. Certa vez, por exemplo, decretámos que todos fazíamos anos no mesmo dia e festejámos-los com um banquete de filho pródigo. O que obrigou a Maria Keil, quase com leveza de dança, a descer às arcas da cave e de lá extrair esotéricos trajes, casacas, jóias e condecorações para ornamentar os convivas.

Noutra altura deu-nos a veneta para nos vestirmos de indianos. Exceptuava-se o Chico que, de fato colonial branco, medalhas e capacete de cortiça, interpretava o papel de Governador Inglês bronco e de ademanes suspeitos que apenas conhecia esta palavra mágica: Yes.

Os restantes – isto é: nós – de turbantes e exibições exóticas *falávamos indiano*: Pi-to-pum-ta-ra-mi-do-frim-tsu... Exactamente. Indiano.

Pode-se calcular o espanto que empalideceu o médico e o farmacêutico da terra, quando, com as respectivas consortes, nos surpreenderam naquela figura de parvos.

Não tiveram outro remédio senão transformar-se também em indianos. – Pri-lo-ca-mi-tcha-tra-si-fri-tru...

O engendramento de «o tango no arame» deu-se também nesse Verão de loucura mansa, quando «invadimos» uma festa de baptizado do Nobre das sucatas que tinha sido amante da A. R. (Autêntica aristocracia!)

Surgimos rotos, sujos e mal enroupados como pedintes e tomámos conta da festa. E então, num rasgo de inspiração súbita, a Maria e eu inventámos os passos trémulos do «tango no arame».

O Lopes Graça, que é um bailarino insigne, deu-lhe os toques finais.

2 de Junho

Albarraque. 11 da manhã. Começo da transmissão da Missa na Rádio.

Um padre, afectado, pompa preciosa, sem voz de chegar a Deus, clama:

– Senhor, tende piedade de nós!

Os fiéis respondem, submissos:

– Senhor, tende piedade de nós.

O padre insiste, vaidoso.

– Senhor, tende piedade de nós.

Voz a rever-se ao espelho para ser bonita, ficar bem penteada, gravata bem posta....

Vou fechar a Rádio. Assim não é possível haver Deus não-criado pelos homens.

*

Ando pouco satisfeito comigo... Hoje, por exemplo, descobri com nitidez de luz sem véus, vários sonhos que desfazem o mito da luminosidade amena do meu carácter.

Em boa verdade deviam antes classificá-lo de irritável, frio e, até, por ímpeto subconsciente, de vingativo. Embora – lado positivo – utilize nessas vinganças armas leais, cara a cara, sem rasteiras hipócritas...

O mais estranho é que, quando faço estas confissões em verso, ninguém acredita.

Vantagem ardente da existência da literatura.

Máscara dos hipócritas e dos sinceros.

Transparência que, em vez de mostrar, tapa...

Que fazer?

3 de Junho

O meu filho Raúl José apareceu ontem em Albarraque com a Sílvia e o Pedro.

No caminho encontraram um enterro.

– Que é aquilo, pai?

E o Raúl explicou-lhes.

Então um dos miúdos, vendo tão grande acompanhamento, pensou um instante e perguntou:

– Ó pai! O morto morreu no dia em que fazia anos e tinha festa em casa?

*

Voltei aos poemas.

Mas de súbito invadiu-me a sensação esmagada de que as palavras envelheceram... Algumas com cabelos brancos. Outras, carecas. Rugas de risos fora de tempo. Lágrimas com atraso.

*

Nesta aldeia de Lisboa em que todos somos vizinhos e sabemos o que se passa na casa ao lado – o *Diário de Notícias* ignorava que a Maria Keil fosse viva! Pelo menos trazia no sábado, na sua secção de perguntas e respostas, a biografia da Maria Keil dada como falecida em mil novecentos e sessenta e tal.

A Rosalia acaba de lhe telefonar para lhe dar os parabéns pela ressurreição.

A Maria:

– Não faz ideia das pessoas que me têm telefonado... Algumas – coitadas! – fartaram-se de rezar por mim nestes últimos dias! Que pena não estar já no Purgatório.

*

Perguntei à Rosalia:

– Que tal a *Musique pour Lisbonne* de Darius Milhaud?... (obra encomendada pela Fundação Gulbenkian e estreada hoje de tarde no Tivoli em «primeira audição absoluta» – como se diz em calão de programa.)

– É uma daquelas músicas *que há-de parecer sempre mal tocada* – extraí eu da opinião balbuciante da Rosalia.

*

– O Senhor me perdoe, mas gosto pouco do Milhaud...
– disse eu ontem ao João Cochofel, *quase com remorsos* (o pobre anda por aí de cadeira de rodas!). – Salvas as devidas diferenças é uma espécie de Frederico de Freitas ao nível francês! (Opinião talvez um pouco superficial que preciso de verificar e rectificar. Em resumo: o *post-scriptum* covarde do costume.)

*

O Raul Rego veio oferecer-me o seu *Para um Diálogo com o Senhor Cardeal Patriarca* – livrinho audaz que o levou à cadeia, onde passou duas ou três semanas de purgatório.

Saiu de lá graças à influência do Cardeal, bombardeado por mais de uma centena de telegramas dos jornalistas...

– Ameaçaram-me com a deportação para Timor... Também me pareceu perceber que havia divisões na Polícia... Alguns queriam mandar o Cardeal à fava e manter-me preso. Outros, com o Silva Pais à frente, pertencentes ao partido brando, achavam bem soltar-me...

O livro é dedicado à memória do padre J. Alves Correia que morreu nos Estados Unidos, em Detroit, expulso da Pátria pelas suas opiniões corajosas a respeito da situação portuguesa e de alguns factos, na verdade perturbadores, da história da Primeira República. Como, por exemplo, os tenebrosos assassinios de 19 de Outubro, atribuídos por muita gente a uma conspiração centrada no jornal *A Época*, órgão de certa clerezia laica reaccionária do tempo. (Lembro-me de ter lido no *República*, durante não sei que período eleitoral de liberdade suficiente, um artigo dele sobre este sinistro caso.)

Foi o padre Alves Correia, aliás, quem, dirigindo-se ao cardeal Cerejeira (temeroso de imaginárias perseguições aos católicos, se o Estado Novo caísse), pronunciou a seguinte frase:

– A Igreja, Eminência, precisa de martírio.

4 de Junho

O José Cardoso Pires, sem ocultações hipócritas, resolveu dirigir directamente a propaganda do *Delfim... Cocktails* publicitários, entrevistas, *slogans* na Rádio, colóquios no Porto.

– Até tem um retrato no Cinema Estúdio – contou-me não sei quem.

Publicidade ingénua se a compararmos com a do Prémio Nobel do Ferreira de Castro.

*

Abro a *Casa de Correção*, o novo livro do U., e logo na primeira página entra-me este escândalo pelos olhos: a «cútis adolescente de uma árvore».

A «cútis adolescente de uma árvore»? Mau!

Escondo a *cútis* de mim mesmo por simpatia pelo U. (com tanto talento de escritor estragado pela pressa do jornalismo) e continuo a desfolhar o livro.

Limbo. Pág. 93. Começa assim: «A hospedeira do ar número um, Diana – seráfica, rola pelo corredor do avião os seus ombros de onda loira...» *Rola* os ombros?

Meu Deus! Que se passa na literatura portuguesa? E o que haverá deste género, impróprio e descuidado, nos meus livros?

Fecho a *Casa de Correção* – com o sentimento estranho de temer encontrar-me.

Poucas ilusões a meu respeito neste sonhar-me demais!

*

O Rogério de Freitas pediu-me um texto para um volume de estampas, «Lisboa na Pintura Portuguesa», que «irão dos Livros de Horas até ao Eduardo Viana, Jorge Barradas, Abel Manta, talvez Almada, Botelho, Hogan, Smith, Nikias, Alice Jorge, Vieira da Silva, etc.» – diz-me o director da *Artes* numa carta que acompanha o envio de *O Natal na Arte Portuguesa*, para eu ficar a fazer ideia do tamanho do prefácio que, para este último livro, foi escrito por José Régio.

Tive a leviandade de aceitar e agora não sei como me libertar em bem da encomenda.

Talvez recorrendo à técnica de sempre: meter na cabeça ideias velhas, impressões, memórias, etc., e deixar que todas essas nuvens se choquem, desenvolvam e apurem num fio lógico qualquer...

Primeira ideia a aproveitar. Esta banalidade: Lisboa não tem passado. Ou melhor: o passado de Lisboa é a luz. Todas as noites dá-se um terramoto – e a cidade reconstrói-se nas manhãs seguintes com a leveza das pedras de céu azul, etc., etc., etc.

Primeira ideia.

Por enquanto única.

Oxalá a segunda seja melhor – para poder adoptar a terceira.